

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

À OFENSIVA DE FOME E DE VIOLÊNCIA, O POVO RESPONDE COM A LUTA E EXIGE

NAS cidades e nos campos o custo de vida aumenta sem

cessar e os baixos salários continuam. O pão sofre nova redução. Os Grêmios assambram os gêneros para os espalhar pelo mercado negro com grandes lucros para os especuladores fascistas. O funcionalismo público, civil e militar e toda a classe média, se vê a braços com graves dificuldades. Os pequenos lavradores, com as mãos atadas pelo corporativismo, vão-se arruinando, entregues à usura e às excoctações. Os pequenos comerciantes e industriais sossobram no peso dos impostos. Sem caminho de monopólios protegidos pelo governo fascista, domina e asfixia toda a vida económica nacional. E como o descontentamento cresce e a revolta alastra, o fascismo faz intervir a força, os democratas são perseguidos, a PVDE (atrás dum novo nome) espalha o terror e a intimidação, o MUD é encerrado, as eleições sindicais são proibidas, a expressão de pensamento é doravante censurada, nenhuma liberdade são concedidas, o Terrafal continua.

Portugal é pasto de fome, de ruína e de terror. Num mundo onde vence a democracia e os povos constroem uma vida nova, Salazar, cúmplice de Hitler, procura fazer sobreviver o regime fascista português.

PÃO E LIBERDADE

procura novos apoios, volta-se desesperadamente para a Inglaterra e faz desesperadamente a

O governo de Salazar, que auxiliou Hitler na guerra e decretou luto nacional pela sua morte, que entregou Thuor ao Japão, que reprimiu impotentemente as manifestações no dia da Vitória, canta agora o seu auxílio aos Aliados. Ele que alimentou os bandos nazis com gêneros roubados ao nosso povo, diz na Conferência da Alimentação de Londres (pela boca do nazi Suplico) que deu aos aliados alimentos e vestuários. Salazar deixou de ter o apoio de Hitler, Mussolini e dos Quislings. O apoio de Franco torna-se sem valor porque Franco está demasiado preocupado em salvar a própria pele. Salazar

procura novos apoios, volta-se desesperadamente para a Inglaterra e faz desesperadamente a corte ao sr. Bevin. Em 3 de Abril, depois de uma série de banquetes faustosos onde os fascistas comeram à tripa forra, o apelo de Salazar para se consumir ainda menos, feito a pedido do sr. Bevin, é uma declaração de amor aos trabalhistas ingleses... que ainda não racionaram o pão na Inglaterra. Salazar faz a um navio inglês uma recepção que estaria bem para o rei de Inglaterra e fez jogar uma selecção nacional com um grupo de principiantes ingleses, numa «grande» demagogia e vergonhosa jornada pseudo-desportiva no Estádio Nacional. A reacção do mundo aceita naturalmente o namoro de Salazar e estende-lhe a tábua de salvação. Devemos ter presente que Salazar conta com o apoio dos Churchill, do Vaticano e de muitos pró-fascistas que agora se escondem atrás da palavra democracia.

Mas a reacção não consegue fazer retroceder a história. Como caiu Hitler e Mussolini, cairão os seus cúmplices. As nações livres lutam pela democracia. «Milhares de homens simples — como disse Stáline — estão de guarda à causa da paz. E o povo português — que decidirá em última instância o seu destino — levanta-se para a luta e saberá varrer o fascismo» (continua na pág. 2)

Este ano,

em todo o mundo democrático,

O 1.º DE MAIO

é celebrado com alegria pelos trabalhadores. Em Portugal, o fascismo condena o povo à fome, à ruína, à violência, à ignorância. Para o povo português,

O 1.º DE MAIO

DEVE SER UM DIA DE LUTA pelo pão e pela Liberdade, um dia de luta contra a tirania fascista.

OS CAMPONESES DO ALENTEJO LANÇAM-SE À LUTA

As vidas dos camponeses do Alentejo é cada vez mais dura. Há falta de trabalho que os grandes lavradores aproveitam para impor salários de fome. Actualmente não vão além de 7 a 12.500 para os homens e 6 a 7.500 para as mulheres e para os jovens.

Os gêneros faltam e os preços aumentam. O toucinho está racionado a 200 grammas por pessoa e por mês. A alimentação da maioria dos camponeses está reduzida a sopas de pão com água. A fome caminha à solta por todo o Alentejo.

No entanto, o fascista germanófilo Fernando Lagarto, de Estremoz, diz: «Só acredito que os pobres passem fome quando os vir a comerem palha».

Que faz o governo? O governo continua a proteger os grandes lavradores e a oprimir cada vez mais os trabalhadores. É assim que o governo fascista de Salazar responde às justas reclamações dos camponeses, ao mesmo tempo que atende demagogicamente a comissão de Évora, chefiada pelo político Maia Mendes.

Mas as muitas lutas dos últimos anos e, em particular, as de 3 de Junho de 1945, em Montemor, (onde foi assassinado pela polícia o heróico defensor dos camponeses, o nosso embaixador Genário Vidigal)

estão presentes na memória dos camponeses do Alentejo. Como dizia um camponês: «Não temos que temer a luta; só uma coisa temos a temer: é morrer de fome». Assim os camponeses mostram compreender que só pela luta unida e massiva conseguirão ver satisfeitas as suas reivindicações.

São os camponeses dos arredores de **Grândola** que se concentram na Casa do Povo a exigir aumento de jorna e a garantia de trabalho permanente, e na Comissão Reguladora a exigir mais gêneros. São os camponeses de **Machado** que, em 3 concentrações consecutivas junto da Casa do Povo, exigem um aumento de 25.500 para os homens e 12.500 para as mulheres, e os camponeses de **Montolito** que, seguindo o exemplo, exigem o mesmo salário sendo assim os fascistas obrigados a convocarem uma reunião de todas as direcções das Casas do Povo do distrito para estudarem a situação. São os camponeses dos arredores de **Évora** que, lutando como as mulheres da cidade, ameaçam lançar-se em greve se as restrições do racionamento forem por diante, e obrigando os fascistas a recuar.

Os fascistas têm medo das lutas de massas. Eles vêem que os trabalha-

dores se levantam. Sabem que o descontentamento é geral e, por isso, temem que o rastilho se propague a todo o Alentejo, se não a todo o país.

Camponeses e camponesas do Alentejo! Que em todas as aldeias, vilas e cidades, se nomeem **Amplas Comissões de camponeses e camponesas** e se obriguem as direcções das Casas do Povo a acompanhá-las junto das autoridades fascistas e dos lavradores, exigindo que sejam satisfeitas as suas reivindicações! Que todos os homens, mulheres e jovens, se concentrem nas **Casas do Povo**, como fizeram os trabalhadores de Machado e Montolito, e **acompanhem em massa as suas Comissões** junto das autoridades. Que as Comissões das diferentes localidades se ponham em contacto umas com as outras, sempre que possível, no sentido de unir a luta nessas localidades. Que através de comissões e concentrações, os trabalhadores **desempregados**, exijam trabalho, que ninguém aceite os salários de fome e que todos, unidos, como um só homem, se recusam a trabalhar, fazendo **greve**, se os exploradores fascistas não ouvirem as reclamações!

Avante, valentes filhos e filhas do Alentejo!



Vitória DOS MINEIROS DE S. PEDRO DA COVA

Quantias recebidas dos Amigos do Partido

A.....	11500	Transp...	6.198550
A.B.Caldeira	15700	Fernand Gre-	—
A. P.	3500	nier	531500
A. P.	21550	Ferrugem ..	60500
A. M.	40500	Fogaça (A)	397550
A. P.	22550	Gabriel Péri	—
A. R. Saffra	5500	(1.ª)	200500
Abalzo Sala-	—	Ganho Ver-	—
zar	15700	melho	100500
Abalzo Sala-	—	Gorci	20500
zar	15500	Grupo fixo RF	60500
Activos (C)	52540	Henri Bar-	—
Activos (C)	152550	lusse	48500
Activos do P.	22550	Heróis da Paz	15400
Alberto Araú-	—	J. M. C.	20500
jo (C)	100500	Jamor	2500
Amândia	10500	Jamor	4500
Amigos de	—	Jamor	8500
Alexandre	53500	Jamor	10500
Amigos de	—	João Rodri-	—
Caranguejo	7550	gues	25500
Amigos de	—	José Ferrei-	—
Toulon	5500	ra Tomé ..	50550
Asas de Lé-	—	Jovem Ver-	—
nia	60500	melho	5550
Augusto Val-	—	Jovens Acti-	—
dez	150500	vos	51500
Auxílio	32500	K	21500
Auxílio ao	—	K	8500
Partido	8500	Kirov	6500
Avante M!	20500	Lusovaya ..	50500
Bento Gon-	—	Lusovaya ..	364500
çalves (A)	35500	Lusovaya ..	58500
Bento Gon-	—	Lutadores	—
çalves (A)	36500	até ao fim ..	31500
C.	6500	Lutadores	—
C. P. G.	150500	Vermelhos ..	16500
C. T.	20500	Idem	34500
C. T.	12500	Idem	33500
Camaradas	—	Idem	51500
Fixes	105500	Idem	27500
Camponeses	—	Idem	3500
Progressis-	—	Idem	43500
tas	57550	Manuel Víci-	—
Idem	100500	ra Tomé ..	70550
Camponeses	—	Idem	70550
Unidos	253550	Manuel Víci-	—
Idem	253550	ra Tomé II ..	15500
Idem	147550	Marquês AM	20500
Carlos Matoso	8500	Marquês AM	90500
Ceu Vermelho	392550	Marquês AM	56500
Chernialovsk	6500	Marquês AM	30500
Consegue-se	80500	Marquês AM	40500
Corticeiro	—	O camarada JC	9500
Vermelho I	28500	Os valentes	162570
Dinamo	2400	Pedal 8-32 ..	86550
Duarte A.M.	185500	Pelo	17550
Duarte T ..	5500	Pires Jorge II	13500
Duarte T ..	8550	Pires Jorge II	57550
Duarte T ..	5550	Pires Jorge II	35500
Eleições Li-	—	Pires Jorge II	15500
vyres	8550	Pires Jorge II	16500
Idem	29500	Produto de	—
Estrela Ver-	—	uma rifa ..	75500
melha	200500	Punho Ver-	—
Idem	1.450500	melho	265500
Estrela Ver-	—	Uma admira-	—
melha (P)	1.500500	dora de Stä-	—
Ev.	100500	line	4500
Faleão Ver-	—	1.ª P	20500
melho	120510	7 Nov. 1917.	40500
Idem	10500	3/3	60500
A transp.	6.198550	TOTAL	9.720570

NOTA — Rectificações à separata: onde se lê: Estrela Vermelha (B) - 125500, Estudante - 100500, Tragédia - 94500, Fogaça (A) - 249550, Fogaça (A) - 366550, Raio Vermelho - 87500, deve ler-se, respectivamente: Estrela Vermelha (B) - 1.255500, Estudante - 170500, Tragédia - 942500, Fogaça (A) - 294550, Fogaça (A) - 336550, Raio Vermelho - 17500.

No «Avante!» anterior, saiu, por lapso, «Aos Guerreilheiros - 80500», em vez de 3005.

Provou-se uma vez mais que só pela luta os trabalhadores podem fazer recuar o fascismo. Provou-se que a greve é um poderoso meio de luta das classes trabalhadoras. Em resultado da greve dos valentes mineiros de S. Pedro da Cova, Monte Aventino e Rio Tinto, os fascistas foram obrigados a aumentarem os salários. Ainda que insuficientes, os aumentos atingem, nalguns casos, 4 a 6500 diários.

ADIANTE NAS LUTAS REIVINDICATIVAS

Os operários corticeiros do Barreiro, Alhos Vedros e Seixal fizeram concentrações massivas nos seus sindicatos, exigindo um aumento de 40% para todos os salários inferiores a 27500, 30% para os superiores a estes e um mínimo de seis dias de trabalho. Os operários corticeiros da margem sul do Tejo continuam assim as suas belas tradições de luta.

Seguindo o exemplo dos seus companheiros das outras empresas de constru-

ções e reparações navais, os operários dos Estaleiros da CUF, Lisboa, elegeram a sua Comissão Permanente. Para isso, distribuíram em todas as 17 secções listas impressas para que todas as secções elegessem os seus delegados. A Comissão foi constituída por 17 operários efectivos e 17 suplentes.

A Comissão Permanente da empresa Parry & Son, Almada, leva a efeito uma luta pelo aumento de salários.

PÃO E LIBERDADE (Continuação da 1.ª página)

salazarista de Portugal.

CONTRA A MISÉRIA E Opressão SALAZARISTAS, O POVO PORTUGUÊS APRENDE QUE TEM UM ÚNICO CAMINHO A SEGUIR: a luta. Em 8 e 9 de Maio de 1944, as massas trabalhadoras do Ribatejo, da Região saloia e de Lisboa, saíram à rua a exigir pão e géneros e o fascismo foi obrigado a satisfazer em grande parte as justas reclamações do povo. Precisamente um ano depois, no dia da Vitória, em 7, 8 e 9 de Maio de 1945, o povo português, em grandes manifestações, exigiu Eleições Livres, Liberdade e Democracia. Agora, por todo o país, contra a nova ofensiva de fome do governo, contra as novas repressões, o povo levanta-se. São os operários da Covilhã e Torrezendo, os mineiros de S. Pedro da Cova, Rio Tinto e Monte Aventino. Indo decididamente para a greve. São as mulheres de Évora, tomando as ruas em grandes manifestações pelo pão. São os camponeses do Alentejo, a população de Espouende, Fafe, Silves, Marinhã Grande e muitas outras localidades, que lutam em massa pelo direito à vida. São os operários e operárias que, em dezenas de fábricas e oficinas, formam as suas comissões, temporárias ou permanentes e reclamam uma melhoria da sua situação. São os trabalhadores de todas as profissões que protestam contra a proibição das eleições sindicais. São todos os democratas portugueses de todas as tendências políticas e religiosas, que, unidos e firmes, apesar de todas as medidas repressivas, prosseguindo no caminho da luta anti-fascista (consagrado nas grandes jornadas do dia da Vitória, nas jornadas do MUD e no dia 31 de Janeiro) continuam a sua actividade de Unidade Democrática.

liberdade do MUD, pelas eleições sindicais, pela liberdade de imprensa, pela extinção do Tarrafal, pela libertação dos presos. Lutar pela extinção da PVDE, da Legião, dos Grêmios e outros organismos corporativos. Esta é a grande tarefa do momento de todos os democratas e patriotas. **Este é o único caminho que conduzirá ao levantamento em massa da nação contra a tirania fascista.**

O SR. JOSÉ DE SOUSA toma uma posição clara

CHEGA ao nosso conhecimento que o sr. José de Sousa, que há uns anos foi da direcção do nosso Partido, acaba de pedir a sua admissão ao Partido do sr. dr. Ramada Curto, o Partido Socialista Português. Desta forma, o sr. José de Sousa, que até agora continuava fazendo-se passar por «comunista», toma claramente um novo rumo político. Na carta que em 18 de Março escreveu ao PSP, o sr. J. S. declara-se convencido de que «o Partido Socialista é a organização política mais categoricamente operária (St!); E pede a sua admissão.

Naturalmente que esta admissão do sr. J. S. é uma questão que respeita aos nossos amigos socialistas e com a qual nada temos. Mas, na sua carta, o sr. J. S. faz algumas afirmações que necessitam de rectificação. O sr. J. S. explica, por exemplo, o seu afastamento do Partido Comunista pelo facto de «não se sentir tentado a participar na luta de grupos (St!) que corroe este movimento». Isto não é exacto. O sr. J. S. foi **expulso** do Partido Comunista Português em 1942, quando se encontrava no Campo do Tarrafal, por aí levar a cabo uma luta desagregadora e «visionista» e ter formado um **grupo** dissidente contra o Partido. A sua expulsão foi decidida pela organização comunista prisional, de que era dirigente Bento Gonçalves, e foi sancionada pelo Secretariado do CC do Partido, conforme consta da «Circular aos Comités Regionais, Locais e de zona e aos responsáveis de célula», de Novembro de 1943.

Não é agora nosso propósito discutir as posições e ideias do sr. J. S., porque há coisas mais importantes a tratar no nosso jornal. Ao sr. J. S., que em tempos foi comunista, desejamos uma actividade consequente em defesa dos seus **novos ideais**. Aos nossos amigos socialistas, se o quiserem nas suas fileiras, desejamos que conquistem um companheiro fiel.

TODAS ESTAS LUTAS, ECONÓMICAS E POLÍTICAS, DO CORPO AO MOVIMENTO NACIONAL ANTI-FASCISTA. São elas o caminho justo para fazer frente ao fascismo e forçá-lo a recuar na sua política anti-popular e anti-patriótica. São elas o caminho justo para a preparação do nosso povo para futuras lutas superiores; são o caminho justo para o fortalecimento e alargamento da Unidade Nacional Anti-Fascista. **Só a unidade, a organização e a luta nos poderão conduzir ao derrubamento do fascismo.** E na organização e desencadeamento de lutas de resistência contra a fome e opressão fascistas que se devem concentrar todas as energias de todas as forças anti-fascistas, e em especial do **Conselho Nacional**. Lutar pelo pão e pelos géneros, pelos salários, contra as requisições. Lutar pela lega-



DE NORTE A SUL DE PORTUGAL O POVO LEVANTA-SE EM MASSA

CONTRA A FOME

Por todo o país, o povo trabalhador (homens e mulheres) se levanta contra a política de fome e de rapina dos fascistas salazaristas.

As recentes e importantes greves dos operários da Covilhã, Torrezendo, S. Pedro da Cova, Monte Azeituno e Rio Tinto, juntam-se milhares e milhares dontras lutas. O povo responde a Salazar.

Luta da população de Silves

O povo de Silves, principalmente a classe corticeira, protesta massivamente contra a falta de géneros, em especial contra a falta de azeite e contra o racionamento do pão. Assim, há tempos, tiveram lugar no Sindicato Corticeiro 3 grandes concen-

trações populares, nas quais se exigiu que fosse fornecido a tempo o azeite, mais quantidade de pão, mais géneros, e se protestou contra o aumento que se pretendia fazer no preço das senhas do racionamento.

Em resultado da firmeza e unidade da classe corticeira e da população em geral, algumas das reivindicações foram atendidas. O azeite foi distribuído no dia seguinte, facto que há mais do 2 meses não sucedia, as senhas continuam a custar 570 e não 1540 como as autoridades pretendiam, e ficaram sendo grátis para os desempregados e indigentes, como a classe corticeira reivindicou. Como a questão do pão não fosse resolvida, o povo, reunido noutra concentração, elegeu uma comissão para ir a Faro apresentar o problema ao Governador Civil.

As mulheres de Évora protestam

CONTRA O RACIONAMENTO DO PÃO

Cerca de 111.000 mulheres de Évora, no dia 1 de Março, fizeram uma grandiosa concentração para protestar mais uma vez contra a falta de azeite e contra o racionamento do pão. Esta concentração deu-se depois de se terem realizado marchas, divididas em 50, 100 e 200 mulheres, pelas ruas principais da cidade, arrastando para a frente todas as mulheres que iam encontrando. A polícia não teve força para se opor e foi arrastada para a frente das mulheres juntamente com o Presidente da Comissão Reguladora. Depois destas marchas, debaixo duma chuva torrencial, as mulheres, completamente encharcadas, foram-se reunir em protesto defronte do

governo civil. Aterrorizado, o governador civil, o célebre polícia de informação Maia Mendes, enviou imediatamente uma brigada de polícia avisar as padarias para que fabricassem as mesmas quantidades de pão que fabricavam antes, e prometeu às mulheres que ia resolver o assunto.

As mulheres do Ribatejo lutam

POR MAIS PÃO E MAIS GÉNEROS

Em Azinhaga, no dia 23 de Março, 50 mulheres juntaram-se e foram ao presidente da Junta exigir mais pão e mais géneros e

protestar contra o novo corte no pão.

Em Alcanena, 50 mulheres foram ao presidente da Câmara exigir mais pão e mais géneros. Este respondeu que ia telefonar para o governador civil e que voltassem no dia seguinte, mas só uma comissão. No dia seguinte, em vez da comissão, apareceram cerca de 100 mulheres. Se não forem atendidas, o povo está na disposição de fazer concentrações ainda maiores.

Na Chamusca, mais de 100 mulheres juntaram-se e foram ao presidente da Câmara protestar contra o corte no racionamento do pão e exigir mais géneros.

O povo da Marinha Grande

CONSEGUE O FORNECIMENTO DE PÃO

O povo da Marinha Grande continua defendendo vitoriosamente o seu direito à vida. Em virtude da falta de pão, 2.000 operários vidreiros, da Marinha Grande, fizeram uma grande concentração no Sindicato Nacional dos Vidreiros, exigindo pão e géneros. No dia seguinte, centenas de mulheres juntaram-se diante da Câmara Municipal. Como o presidente da Câmara não viesse à janela dar satisfações, as

mulheres não arredaram pé até que, 20 a 20, foram todas recebidas por este, e lhes foi prometido que haveria pão. No dia seguinte apareceram o pão. A Comissão Reguladora foi destituída.

Marchas da fome e concentrações

Os operários textéis de Fafe, cerca de

2.000, saíram das fábricas, e, juntamente com as mulheres e os filhos, fizeram uma marcha exigindo pão.

Embora as autoridades locais respondessem com grande repressão, disparando sobre o povo, a manifestação continuou.

Em Rio Maior, operários das minas de carvão fizeram duas concentrações, exigindo mais pão e mais géneros.

Lutas em Nelas e na Fontela

Em Nelas, as mulheres protestaram em massa contra a falsificação do pão — que era fabricado com tremçoço — e obrigaram à restituição do dinheiro.

Pressionado por numerosas comissões que se têm formado em todo o concelho, o presidente da Câmara de Fontela foi obrigado a distribuir a farinha ao povo.

Que a luta alastre a todos os cantos de Portugal!

Em toda a parte, nos bairros, nas cidades, nas vilas, nas aldeias, nos campos, devem formar-se comissões e realizar-se amplas manifestações, marchas da fome, que vão junto das autoridades, Sindicatos, Casas do Povo, protestar contra o racionamento do pão e contra a falta de géneros. **Homens e mulheres devem lutar juntos.**

Que os operários e camponeses, todas as vítimas da política salazarista, se unam na luta contra a exploração e a fome. No campo, o povo deve resistir ao roubo do milho e outros géneros, vigiando atentamente os locais onde se encontram e deve lutar pela distribuição dos géneros assambarcados pelos Grémios e outros organismos corporativos.

Avante, na luta pelo pão! Avante, na luta contra a fome!

Os operários e operárias da Abelheira, fábrica de papel do Tojal, causados de reclamar ao seu Sindicato para que este intercedesse junto da empresa a fim de que fosse agregado ao salário a subvenção que há tempos lhes havia sido concedida e um aumento de 30%, resolveram lutar mais enérgicamente por estas reivindicações.

Assim, no mês de Fevereiro, uma comissão de 3 mulheres avistou-se com o patrão e, em nome das suas companheiras de trabalho, apresentou as reivindicações. Como o patrão recusasse atendê-las, TODAS AS OPERÁRIAS NO DIA SEGUINTE SE NEGARAM A TRABALHAR E FIZERAM

GREVE VITORIOSA DAS OPERÁRIAS DA ABELHEIRA

A GREVE DE BRAÇOS CAÍDOS JUNTO DAS MÁQUINAS, ENQUANTO A COMISSÃO SE AVISTAVA DE NOVO COM O PATRÃO. Este encerrou as 3 mulheres e tentou coagi-las a aconselharem as suas companheiras a pegarem no trabalho, no que as 3 honras representantes das operárias se negaram.

No dia seguinte, as valentes trabalhadoras da Abelheira continuaram em greve de braços caídos, negando-se a retomar o

trabalho enquanto não fossem atendidas as suas reivindicações. O patrão satisfez parte das reivindicações, concedendo a junção do subsídio ao salário e um aumento de 20% sobre este.

Contudo, o aumento concedido não satisfaz. OS TRABALHADORES E TRABALHADORAS DEVEM FORMAR UMA AMPLA COMISSÃO, INSISTIR, E SE O PATRÃO SE RECUSAR A AUMENTAR OS 30%, HÁ QUE FAZER DE NOVO A GREVE, COM A PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS OPERÁRIOS DA EMPRESA.

UNIDAS E CONSCIENTES DOS Vossos direitos VENCEREIS, VALENTES TRABALHADORAS DA ABELHEIRA!

O TRIUNFO DO REGIME SOVIÉTICO

A U. R. S. S. LANÇA-SE COM ENTUSIASMO A NOVAS TAREFAS GIGANTESCAS

QUANDO, no dia 10 de Fevereiro, os povos soviéticos elegeram o Soviete Supremo da URSS, mostraram a mais maravilhosa unidade na aprovação do sistema soviético e da actuação dos seus dirigentes. Nunca no mundo se realizaram eleições mais democráticas. Votaram com completa liberdade todos os cidadãos com mais de 18 anos, independentemente da raça, da nacionalidade, instrução, sexo, ou situação económica. Os doentes puderam votar em casa; os viajantes nos aviões ou nos barcos. Nas regiões geladas, trens defrontaram tempestades de neve para recolherem os votos. De 101.717.686 eleitores inscritos, votaram 101.405.936, ou sejam, 99,5 em cada cem. Os votos foram em massa para a lista comum dos comunistas e sem partido. Nos seus círculos eleitorais, Stáline e Molotov foram eleitos por unanimidade. Foram eleitos generais, cientistas, heróis da luta anti-hitleriana, operários, camponeses colosianos, homens e mulheres, os mais destacados filhos de todos os povos da União Soviética.

Os povos soviéticos aprovaram em massa a actividade passada e o programa futuro dos Comunistas, exposto por Stáline no seu discurso de 9 de Fevereiro.

Stáline mostrou que o capitalismo é a causa profunda da guerra, mas que esta guerra mundial, por ser dirigida contra os estados fascistas, teve um carácter anti-fascista libertador. Stáline mostrou que a vitória total alcançada, indica, além do grande valor do Exército Vermelho, que foi o regime social soviético, o estado multi-nacional, que triunfou, que o regime social soviético é viável, estável e superior a qualquer outro regime. Stáline mostrou que a vitória foi possível, graças à realização vitoriosa de 3 planos quinquenais, de 1928 a 1941, que permitiram a maravilhosa transformação da antiga e atrasada Rússia num país de vanguarda, num país industrial. Stáline mostrou que isto foi possível, pelos métodos socialistas de industrialização e colectivização da agricultura, sob a direcção e firmeza do Partido Bolchevique. Mas Stáline não se limitou a apresentar um balanço do passado. Ele expôs o programa para o futuro.

O novo plano quinquenal tem como tarefas essenciais reconstruir as regiões devastadas, levar ao nível de antes da guerra a indústria e a agricultura e ultrapassá-lo, o ainda: a supressão próxima do racionamento, o aumento da produção de artigos de uso corrente, a elevação do nível de vida dos trabalhadores pela redução dos preços, a criação em grande escala de toda a espécie de institutos de investigação científica que permitissem à ciência soviética desenvolver todas as suas forças.

Mas o programa dos bolcheviques russos não fica por aqui. Eles preparam a um novo e poderoso desenvolvimento da economia soviética (a ser realizado em 3 ou mais planos quinquenais). Antes da guerra a URSS produzia anualmente 15 milhões de toneladas de ferro fundido (4 vezes mais que em 1913). A U.R.S.S. prepara-se para produzir 50 milhões. Produzia 18 milhões de toneladas de aço (4 vezes e meia mais que em 1913). São necessários 60 milhões. Produzia 166 milhões de toneladas de carvão (5 vezes e meia mais que em 1913). São necessários 500 milhões. Produzia 31 milhões de toneladas de petróleo (3 vezes e meia mais que em 1913). São necessários 60 milhões. «Só com esta condição — disse Stáline aos seus eleitores — podemos dizer que a nossa pátria estará ao abrigo de surpresas».

É a realização deste plano gigantesco que os povos soviéticos se lançam entusiasmados, porque na U.R.S.S. os homens trabalham para si, para a «colectividade comum dos homens soviéticos». Na primeira sessão do novo Soviete Supremo foi aprovado o novo plano quinquenal. Enquanto no mundo capitalista as crises são inevitáveis (e as últimas greves de milhões de trabalhadores na América do Norte e na Inglaterra mostram as contradições do capitalismo), a economia soviética não conhece crises, porque a planificação socialista assenta em bases científicas.

Os povos soviéticos cumprirão o programa indicado pelo grande Stáline.

A GRÃ-BREITANHA IMPÕE UM GOVERNO FASCISTA

AO POVO GREGO

A intervenção armada na Grécia continua. O exército britânico continua a servir para impor a tirania monárquico-fascista ao povo grego.

Embora a URSS tenha levantado na ONU a situação grega, o governo trabalhista inglês, contra os protestos do povo grego e da própria opinião pública britânica, impôs uma mascarada de eleições. Elas tiveram lugar no meio do maior terror fascista, levado a cabo pelos bandos armados monárquico-fascistas apoiados pelas forças britânicas. O recenseamento foi uma burla, tal como em Portugal. O próprio governo fantecho reconheceu que as eleições eram uma mascarada e a maioria dos ministros (nada menos que 10) pediram a demissão. Mas o sr. Bevin impôs as eleições de 31 de Março.

Apesar de toda esta situação, a campanha da EAM e dos partidos democráticos para que o povo não concordasse, foi coroada dum enorme sucesso. Ainda que a maioria dos eleitores democráticos não tenha podido inscrever-se no recenseamento, cerca de metade dos eleitores ins-

critos não votaram. A missão reacçãoária «allada» (na qual a URSS muito justamente se recusou participar) não fez mais do que aprovar números falsificados. Isso era já sabido antes da mascarada.

Os reacçãoários gregos só com o apoio do estrangeiro se poderão manter no poder. Fora com as tropas intervencionistas inglesas! Que ao povo grego, que se bateu heróicamente contra a Alemanha hitleriana, seja dada a liberdade de escolher o seu destino!

POR todas as formas, a reacção, atizada por Churchill e seus amigos, procura fomentar uma nova cruzada anti-soviética. Se mais não houvesse a demonstrá-lo, bastavam as palavras e mentiras a propósito do caso da Pérsia. As campanhas multiplicam-se. O chamado «escândalo da bomba atómica» no Canadá, foi uma das muitas atitudes

CAMPANHA ANTI-SOVIÉTICA

com vistas a dividir as Nações Unidas e a recorrer contra a paz da parte da URSS. O primeiro ministro do Canadá, Mackenzie King, prestou-se a esse papel. A campanha falhou estrondosamente. As palavras e mentiras contra a gloriosa União Soviética, desfazem-se de encontro à seriedade da política socialista.

FRANCO

à beira do abismo

Os povos livres exigem que, conforme as promessas feitas na guerra, os regimes fascistas sejam banidos do mundo. Isso impõe-se para garantia da paz e da segurança das nações.

Em todo o mundo, as forças progressivas exigem medidas imediatas contra Franco, o cúmplice de Hitler, levado ao poder pelas tropas fascistas alemãs, italianas e portuguesas. Manifestações monstro exigindo o corte das relações com Franco têm lugar em dezenas de capitais, incluindo Londres e Nova-York. Em Paris, a grande cidade da democracia, os manifestantes exibem uma força para Franco. Em Oslo, levam cartazes dizendo: «Franco para Nuremberg!». A Federação Sindical Mundial indica aos seus 60 milhões de aderentes que exijam o corte com Franco. Apelos idênticos foram feitos pela Federação Juvenil Mundial e pela Organização Mundial das Mulheres. Os trabalhadores dos portos, como em Roterdão, recusam-se a carregar barcos para Espanha. O governo francês toma as primeiras medidas energias. E o governo polaco, levando o caso ao Conselho de Segurança da ONU, põe em toda a agudeza o problema.

Não sabemos qual será a atitude da ONU. Apesar de que aí a URSS vela pelas liberdades das nações e pela paz, há na ONU potências cujos governos estão interessados na manutenção em Espanha dum regime fascista. A Inglaterra tem apoiado claramente um regresso à monarquia. A viagem de D. João a Portugal é feita com esse objectivo. O regresso à monarquia seria uma forma de fazer subsistir o fascismo em Espanha. Os manejos para salvar Franco multiplicam-se. Em vez de manejos suspeitos e de declamações platónicas, impõe-se uma acção conjugada das Nações Unidas para acabar com a ditadura nazi-fascista que pesa sobre o povo espanhol.

Os que desejam Franco em Espanha, de novo falham em «não-intervenções». Os povos não esqueceram, porém, que foi a chamada «não-intervenção» que permitiu a Hitler, Mussolini e Salazar intervenirem em Espanha e imporem, com armas estrangeiras, Franco ao povo espanhol.

Ao povo espanhol deve ser dada a possibilidade de escolher livremente o seu destino. Se Franco e a Eschaga não saíem do poder, se não são realizadas eleições livres e difíceis por um governo de concentração democrática, a guerra civil, que se trava já em Espanha, atará e o povo espanhol só terá a saída da insurreição armada.

Duma forma ou outra, Franco tem os dias contados. Franco está à beira do abismo. Outros cúmplices de Hitler o deverão acompanhar na queda.